

## O CONSELHEIRO AIRES: SEDUÇÃO E SAUDADE NO *MEMORIAL*

Ana Maria Abrahão dos Santos Oliveira (Mestre, UFF)

[abrahao-ana@ig.com.br](mailto:abrahao-ana@ig.com.br)

**RESUMO:** O artigo pretende analisar o personagem Aires, no romance *Memorial de Aires* (1908), um conselheiro aposentado que, através de fina e arguta observação, com sua postura sempre conciliadora, direciona seu olhar para as relações entre jovens e idosos, entre a vida e a morte, sendo ele mesmo “vitimado” pelo desejo de seduzir uma moça mais jovem e como isso será o fio condutor de toda a narrativa, fazendo uma reflexão sobre a solidão que atravessa a vida do indivíduo, especialmente na idade madura e de que forma essa experiência pode causar dor e sofrimento às pessoas. Quer refletir também como a obra machadiana, através da escrita de um romance-diário, representa a sociedade brasileira do fim do século XIX, abordando importantes fatos históricos; mostrando como o último romance de Machado de Assis, também imbuído de ironia, como os anteriores, após *Memórias póstumas de Brás Cubas*, faz uma profunda análise da condição humana.

**Palavras-chave:** sedução, saudade, vida, morte, Conselheiro Aires

Machado de Assis é um artista singular na história da Literatura Brasileira. Sendo o nosso primeiro escritor moderno, iniciou sua vida literária no século XIX, escrevendo numa língua desconhecida do resto do mundo.

Segundo o crítico norte-americano Harold Bloom, a escrita de Machado possui a “liberdade tanto em relação a suas dívidas literárias quanto a seu contexto nacional,

liberdade esta que adviria da combinação precisa de ceticismo e humor.” (*apud* BERNARDO, 2003, p. 2)

O último romance de Machado, já escrito no início do século XX, o *Memorial de Aires* (1908), tem como protagonista o Conselheiro José Marcondes Aires, arguto observador das sutilezas do comportamento humano e da vida social e política do país, além de ser um sedutor, contido, e de carregar dentro de si uma imensa nostalgia dos tempos de juventude. É um diplomata que em momento algum deixa de ser “diplomático”, em suas ações e idéias, revelando certo “tédio à controvérsia”, com sua natureza conciliadora.

No romance anterior, *Esaú e Jacó* (1904), já aparecem algumas referências ao *Memorial*, escrito pelo conselheiro. O leitor, no começo da obra depara-se com a “Advertência”, que tenciona explicar como surgiram as duas narrativas.

Quando o Conselheiro Aires faleceu, acharam-se-lhe na secretária sete cadernos manuscritos, rijamente encapados em papelão. Cada um dos primeiros seis tinha o seu número de ordem, por algarismos romanos, I, II, III, IV, V e VI, escritos a tinta encarnada. O sétimo trazia este título: Último.

A razão dessa designação especial não se compreendeu então nem depois. Sim, era o último dos sete cadernos, com a particularidade de ser o mais grosso, não fazia parte do Memorial, diário de lembranças que o conselheiro escrevia desde há muitos anos e era matéria dos seis. Não trazia a mesma ordem das datas, com indicação da hora e do minuto, como usava neles. Era uma narrativa; e posto figure aqui o próprio Aires, com o seu nome e título de conselho, e por alusão, algumas aventuras, nem assim deixava de ser a narrativa estranha à matéria dos seus cadernos. Último por quê? (*apud* ARAÚJO, 1999, p. 9)

Como em *Esaú e Jacó*, o *Memorial* também inicia-se com uma “Advertência”.

(...)

Tratando-se agora de imprimir o *Memorial*, achou-se que a parte relativa a uns dois anos (1888-1889), se for decotada de algumas circunstâncias, anedotas, descrições e reflexões – pode dar uma narração seguida, que talvez interesse, apesar da forma

de diário que tem. Não houve pachorra, nem habilidade. Vai como estava, mas desbastada e estreita, conservando só o que liga o mesmo assunto. O resto aparecerá um dia, se aparecer algum dia. M. de A. (MACHADO DE ASSIS: 2003, p. 5)

O *Memorial de Aires* é um diário que se inicia no dia 09 de janeiro de 1888 (abrange os anos de 1888 e 1889) quando o conselheiro, já sexagenário, havia retornado da Europa há um ano, após passar grande parte de sua vida como diplomata em vários países.

O escritor de um diário relata precisamente os diversos momentos de sua existência, volta-se sobre si mesmo quando escreve. Segundo Rousset, as páginas de um diário são

escritas de si para si, clandestinidade, (...) excluem o olhar alheio (...) o que é um texto ‘escrito só para si’ senão um texto sem destinatário? Essa realização narcísica daria ao diário um estatuto à parte na instituição literária: discurso fechado sobre si mesmo, solilóquio sem ouvinte. (*apud* MIRANDA, 1992, p. 34)

Entretanto Blanchot descreve o escritor moderno como alguém que sente vertigem diante da objetividade e da impessoalidade da linguagem e para quem o recurso do diário é uma “fuga” diante de tal “perigo”. O memorial seria uma inusitada objetivação ao diário, para fugir de outra estranha objetivação, a da linguagem ficcional.

(...) talvez seja impressionante que, a partir do momento em que a obra se converte em (...) literatura, o escritor sente cada vez mais a necessidade de manter uma relação consigo. É que ele experimenta uma repugnância extrema ao renunciar a si mesmo em proveito dessa potência neutra, sem forma e sem destino, que está por trás de tudo o que se escreve, repugnância e apreensão que se revelam na preocupação, característica de tantos autores, de redigir o que eles chamam o seu Diário. Isso está muito distante das chamadas complacências românticas. O Diário não é essencialmente confissão, relato na primeira pessoa. É um Memorial (...) Daí que, entretanto a verdade do Diário não esteja nas observações e comentários interessantes, de recorte literário; mas nos detalhes insignificantes que se prendem à realidade cotidiana (...) Talvez o que é escrito já não seja mais do que

insinceridade, talvez seja dito sem preocupação do verdadeiro, mas é dito com a salvaguarda do evento, pertence aos negócios, aos incidentes, ao comércio do mundo (...) a uma duração talvez inteiramente nula e insignificante, mas ao menos sem retorno, trabalho daquilo que se ultrapassa e avança para amanhã – definitivamente. (BLANCHOT, 1987, p. 19-20)

Esse caráter experimental da narrativa do autor que toma para si o desafio de escrever um romance-diário, insere-se no conjunto de experiências inovadoras próprias da ficção de Machado de Assis desde *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), com a narração feita pelo “herói” morto – o “defunto-autor” -, contando suas aventuras do além-túmulo.

Logo no começo do romance Aires acompanha a irmã Rita ao cemitério para dar graças pelo regresso do conselheiro há cerca de um ano ao Brasil, o que ele achava totalmente desnecessário, mas para não degradá-la, concorda. Conversaram sobre os entes queridos que já se foram: o cônjuge de Rita e a esposa de Aires, que havia sido enterrada na Europa. Deparam-se com a jovem e bela viúva Fidélia que rezava fervorosamente no túmulo do marido. Aires a observa atentamente e encanta-se por ela.

Sentindo-se atraído pela viúva, comparece às bodas de prata do casal Aguiar – pessoas amigas e agradáveis – para reencontrá-la. Descobre que Fidélia casou-se com o falecido marido, Noronha, contra a vontade dos pais de ambos, inimigos políticos. Estando o casal na Europa, morre o esposo. Ao regressar ao Brasil, o pai não a aceita e é acolhida então pelo tio, desembargador Campos, antigo colega de faculdade de Aires e pelo casal Aguiar que a considera como filha, na ausência de Tristão, afilhado do casal e que havia partido para a Europa e não mantinha mais contato.

Ao vê-la agora, não a acha menos saborosa que no cemitério (...). Parece feita ao torno, sem que esse vocábulo dê idéia de rigidez; ao contrário, é flexível. (...) tem a pele macia e clara, com uns tons rubros nas faces (...). (MACHADO DE ASSIS, 2003, p. 23).

No decorrer da narrativa, Aires observa atentamente a vida alheia – especialmente a de Fidélia -, as agruras da velhice (o que já aparece na cena do cemitério), as relações da idade madura com a juventude, assim também como a relação entre vivos e mortos.

O conselheiro explica como suas leituras se anulam e se complementam concomitantemente e mais adiante, relaciona-as com o que sente por Fidélia. “Gastei o dia a folhear livros, e reli especialmente alguma coisa de Shelley e também de Thackeray. Um consolou-me do outro, este desenganou-me daquele; é assim que o engenho completa o engenho, e o espírito aprende as línguas do espírito” (p. 20).<sup>1</sup>

Aires procura mostrar-se sempre neutro e impassível, entretanto deseja Fidélia, chega a desejar casar-se com ela. Para ela transfere sua impassibilidade, ao imaginá-la à luz dos versos do poeta romântico inglês Shelley, que havia relido dias antes. “‘I can give not what men call love’. Assim disse comigo em inglês, mas logo repeti em prosa nossa a confissão do poeta, com um fecho de minha composição: ‘Eu não posso dar o que os homens chamam amor’...e é pena!” (p.23).

O velho diplomata, após saber que Fidélia despertara os amores de um jovem, reflete tanto sobre o assunto que acaba sonhando que a viúva vai lhe pedir um conselho e que o aceita não mais como amigo, mas como futuro marido:

Esta manhã como eu pensasse na pessoa que terá sido mordida pela viúva, veio a própria viúva ter comigo, consultar-me se devia curá-la ou não (...)

\_ Conselheiro, disse ela graciosa e séria, que acha que eu faça? Que case ou fique viúva?

\_ Nem uma cousa nem outra.

\_ Não zombe, conselheiro.

\_ Não zombo, minha senhora. Viúva não lhe convém, assim tão verde; casada, sim, mas com quem a não ser comigo?

\_ Tinha pensado justamente no senhor.

Peguei-lhe nas mãos, enfiámos os olhos um no outro, os meus a ponto de lhe rasgarem a testa, a nuca, o dorso do canapé, a parede e foram pousar no rosto do

meu criado, única criatura existente no quarto, onde eu estava na cama. Na rua apregoava a voz de quase toas das manhãs: ‘Vai ... vassouras! Vai espanadores.’ (p.46-47).

Na narrativa são tecidas muitas considerações sobre a vida, especialmente no ‘contraste’ entre a mocidade e a velhice, como na cena em que Aires fantasia uma situação em que seus conselhos seriam decisivos para o jovem Osório, que estava apaixonado por Fidélia e que teria de partir devido à doença do pai que estava no Recife.

A vida é um direito, a mocidade outro; perturbá-los é quase um crime. Se eu tenho podido dizer isso a Osório, talvez ele não partisse; acharia na minha reflexão um eco do próprio sentimento, e escreveria ao pai uma carta cheia de piedade; mas ninguém lhe disse nada.

(...)

Tudo são imaginações minhas. (p.51)

Após esse devaneio, encontra-se com Fidélia e escreve no *Memorial*, palavras que ainda expressam o desejo que sente por ela e como sua postura tende a ser conciliadora sempre.

Estive com ela hoje, e se não a arrebatei comigo não foi por falta de braços nem de impulsos.

(...)

Eu, para ser agradável aos donos da casa, quis dizer que me parecia que não [que Fidélia não se casaria novamente], mas este bom costume de me calar, me fez engolir a emenda, e agora me confesso arrependido. Ao cabo eu já me vou conformando com a viuvez perpétua da dama, se não é ciúme ou a inveja de a ver casada com outro. (p. 51,54, grifo nosso).

O conselheiro observa e dialoga, na maioria das vezes com aquele que se tornou o seu maior confidente: o papel.

Fique isto confiado somente a ti, papel amigo, a quem digo tudo o que penso e tudo o que não penso.

(...)

13 de julho

Sete dias sem uma nota, um fato, uma reflexão; posso dizer oito dias, porque hoje não tenho o que apontar aqui. Escrevo isto só para não perder longamente o costume. Não é mau escrever o que se pensa e o que se vê, e dizer isso mesmo quando não se vê nem pensa nada. (p. 54,62).

Mais adiante traz à luz a verdadeira significação do ato de escrever, não sem, logo depois, entrar numa atmosfera de pura hesitação: continuar ou não a escrever o *Memorial*? Entretanto, dias depois, num rompante decisivo, redige sobre a sua imperiosa necessidade de escrever e de refletir sobre o comportamento humano, aventurando-se a falar também sobre o modo de ser feminino, mais uma vez fazendo referência à bela viúva.

Estou cansado de ouvir que ela [Fidélia] vem, mas ainda não cansei de o escrever nestas páginas de vadiação. Chamo-lhes assim para divergir de mim mesmo. Já chamei a este *Memorial* um bom costume. Ao cabo, ambas as opiniões se podem defender e, bem pensado, dão a mesma cousa. Vadiação é bom costume.

(...)

Talvez seja melhor parar. Velhice quer descanso. Bastam já as cartas que escrevo em resposta e outras mais, (...)

(...)

(...) não posso interromper o *Memorial*; aqui me tenho outra vez com a pena na mão (...)

Desta vez o que me põe a pena na mão é a sombra da sombra de uma lágrima... Creio tê-la visto anteontem (...) na pálpebra de Fidélia, referindo-me eu à dissidência do pai e do marido. (...) eu nasci com tédio aos fracas. Ao cabo, as mulheres são menos fracas que os homens – ou mais pacientes, mais capazes de sofrer a dor e a adversidade... Aí está; tinha resolvido não escrever mais, e lá vai uma página coma sombra da sombra de um assunto. (p. 65-66,73).

A certa altura do *Memorial*, o conselheiro dá indicações de que sua carreira diplomática nunca saiu “do gabinete” e de que nada realizou de relevante em seu ofício. O seu trabalho era “ouvir”. Ouvia com ponderação e pouco falava, tecia reflexões acerca de si mesmo e dos outros. O seu gênio “complacente” já vinha desde a infância.

A diplomacia que exerci em minha vida era antes função decorativa que outra coisa; não fiz tratados de comércio nem de limites, não celebrei alianças de guerra; podia acomodar-me às melodias de sala ou de gabinete. Agora vivo do que ouço aos outros.

(...)

(...) tive de os ouvir com aquela complacência, que é uma qualidade minha e não das novas. Quase que a trouxe da escola, se não foi do berço (...) Na escola não briguei com ninguém, ouvia o mestre, ouvia os companheiros, e se alguma vez estes eram extremados e discutiam, eu fazia da minha alma um compasso, que abria as pontas aos dois extremos. Eles acabavam esmurrando-me e amando-me.

(...)

A diplomacia me ensinou a aturar com paciência uma infinidade de sujeitos intoleráveis que este mundo nutre para seus propósitos.” (p. 75, 86, 109, grifo nosso).

No que tange às questões políticas, no *Memorial*, Aires é mais contundente em relação à libertação dos negros do que em *Esaú e Jacó*. E registra no dia 19 de abril de 1888.

Venha que é tempo. Ainda me lembra que li lá fora, a nosso respeito por ocasião da famosa proclamação de Lincoln: ‘Eu, Abraão Lincoln, presidente dos Estados Unidos da América...’ Mais de um jornal fez alusão nominal ao Brasil, dizendo que restava agora que um povo cristão e último imitasse aquele e acabasse também com seus escravos. (p. 41)

E no dia 13 de maio escreve com entusiasmo e até mesmo cogita a possibilidade de seguir o cortejo para ovacionar a regente. Só não o fez devido a seus hábitos “moderados” de diplomata.

Enfim, lei. Nunca fui nem o cargo me consentia ser propagandista da abolição, mas confesso que senti grande prazer quando soube da votação final do senado e da sanção da regente. Estava na Rua do Ouvidor, onde a agitação era grande e a alegria geral.

(...)

Estive quase, quase a aceitar tal era o meu atordoamento, mas meus hábitos quietos, os costumes diplomáticos, a própria índole e a idade me retiveram melhor que as rédeas do cocheiro aos cavalos do carro e recusei. Recusei com pena.

(...)

Ainda bem que acabamos com isto. Era tempo. Embora queimemos todas as leis, decretos e avisos, não poderemos acabar com os atos particulares, escrituras e inventários, nem apagar a instituição da história, ou até da poesia. (p. 41-42).

As palavras de Aires em relação à Abolição fogem do seu estilo sempre comedido e diplomático. As declarações convictas do conselheiro fazem com que não parem quaisquer dúvidas quanto ao seu envolvimento emocional com a questão.

Entretanto, no dia seguinte, o conselheiro ameniza o tom emocionado do dia 13 de maio: “Não há uma alegria pública que valha uma boa alegria particular” (p.42). Referia-se aqui à alegria do casal Aguiar ao receber uma carta do afilhado Tristão, após longo tempo sem contato. “Eis aí como, no meio do prazer geral, pode aparecer um particular, e dominá-lo (...). Era devida a carta; como a liberdade dos escravos, ainda que tardia, chegava bem.” (p. 43)

Ainda acerca da questão da Abolição, Aires reflete sobre a decisão de Fidélia de doar a fazenda do pai, agora falecido, aos escravos recém libertos. Ela decide sozinha, mas o faz seguindo a orientação de Tristão, com quem iria se casar. Não há uma sugestão explícita da parte dele, há sim uma insinuação, que ela acata sem questionar. E ouve da madrinha do rapaz as prováveis razões pelas quais a fazenda seria doada. Além disso, o narrador cria uma oportunidade para criticar uma discussão em torno da questão literária tão em voga no século XIX, numa exclamação irônica tipicamente machadiana:

O que ouvi depois é que Tristão, sabendo da resolução da viúva, formulou um plano e foi comunicar-lho. Não o fez nos termos claros e diretos, mas por insinuação. Uma vez que os libertos conservam a enxada por amor da sinhá-moça, que impedia que ela pegasse da fazenda e a desse aos seus cativos antigos? Eles que a trabalhem para si.

(...)

(...) dona Carmo (...) mo contou acrescentando:

\_Tristão é capaz da intenção e do disfarce, mas eu também acho possível que o principal motivo fosse arredar qualquer suspeita de interesse no casamento (...).

\_E andam críticos a contender sobre romantismos e naturalismos! (p. 139-140).

### Considerações finais

A obra machadiana captou como poucos a triste “comédia humana”, utilizando, para isso, sofisticadas lições de lucidez crítica.

Essa “comédia” encontrada em suas páginas, a partir de *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), é representada de modo evasivo e bem humorado. Os narradores sabem esquivar-se das mais inusitadas situações, fugindo do assunto, utilizando do disfarce, fazendo troça, para, desse modo, distrair o leitor e, muitas vezes, conquistar-lhe a simpatia.

Aparentemente aceitam sem restrições, os valores das classes dominantes; no entanto, pretendem agir como hipócritas, tencionando encenar a hipocrisia da elite, nas relações sociais, com o intuito de desmascará-la. É o “narrador enganoso”, que não quer dar ao leitor a oportunidade de questionar seu modo gentil e cortês.<sup>2</sup> Na obra machadiana, a sedução é um tema recorrente, como em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, o sedutor Brás Cubas – que relata sua vida do além-túmulo – que se diverte com a ambiciosa Marcela, rejeita a pobre Eugênia, por ser coxa e vivencia um romance intenso (?) com Vírgília; em *Quincas Borba*, Rubião, o herdeiro ingênuo de uma fortuna que cai na armadilha de Palha e da sedutora Sofia; em *Dom Casmurro*, a figura de Capitu, com seus olhos de ressaca oblíquos e dissimulados, que seduz Bentinho, o futuro marido enganado (?).

Aires, por sua vez, no *Memorial*, encanta-se pela jovem viúva Fidélia, que aparentemente pretende manter-se só até o fim da vida. O Conselheiro não dá

demonstrações explícitas de que a deseja, mas em seu íntimo, lamenta não ser mais jovem para tentar conquistar a moça e desfrutar de seus encantos. Daí a evocação dos versos do poeta inglês Shelley: “I can give not what men call love” e completa “...e é pena!” (p. 23). Isso não lhe traz revolta ou sofrimento. O seu estilo sempre complacente e conciliador faz com que até apóie o relacionamento da viúva com o jovem Tristão.

A sua proximidade com o casal Aguiar, que perde a companhia do afilhado e da moça a quem tanto se apegou, mostra que a narrativa – o diário do Conselheiro Aires – quer representar uma dicotomia inevitável ao longo da existência do indivíduo, aos olhos do diplomata: de um lado, os jovens que se atraem e desfrutam a vida; de outro, os velhos que acabam por sentir o peso da idade e da solidão, como nos diz Aires, numa conversa com o tio de Fidélia: “Desembargador, se os mortos vão depressa, os velhos ainda vão mais depressa que os mortos... Viva a mocidade!” (p. 151).

Entretanto, o conselheiro, ao acompanhar os recém-casados a bordo do navio que os levaria a Portugal, confessa ao seu *Memorial* o quanto se sentia ainda embebido de desejo pela moça:

Não acabarei esta página sem dizer que me passou agora pela frente a figura de Fidélia, tal como a deixei a bordo, mas sem lágrimas. Sentou-se no canapé e ficamos a olhar um para o outro, ela desfeita em graça, *eu desmentindo Shelley com todas as forças sexagenárias restantes*. (p. 150, grifo meu).

Assim, no decorrer da narrativa, há um duelo entre a vida e a morte, entre a velhice e a mocidade, o que faz com que Aires, já nas últimas linhas de seu romance-diário, escreva, quando refere-se ao casal Aguiar, que dona Carmo e seu marido sentem “saudade de si mesmos” (p.152).

**ABSTRACT:** The article intends to analyze the character Aires in Machado de Assis’s novel, *Memorial de Aires* (1908), a retired councilor, who observes the relationships

between young people and old people, between life and death, through close observation, with a conciliatory attitude. This character feels attracted to a young widow and this will be the thread of the narrative, reflecting about solitude, especially in old age, and how it can harm people. This article also aims at reflecting about how Machado de Assis's work, through the writing of a diary-novel, represents the Brazilian society at the end of the 19<sup>th</sup> century, tackling important historic facts. The narrative makes, with the typical irony of Machado de Assis's work – from *Memórias póstumas de Brás Cubas* forward – a deep analysis of the human condition.

**Keywords:** Seduction, homesickness, life, death, Councilor Aires

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Homero Vizeu. “Esaú e Jacó: os irmãos quase siameses e Flora”. In: *Nonada*. Porto Alegre: Revista da Faculdade de Educação, Ciências e Letras Ritter dos Reis, nº 2, ano 2, p. 90-99.

BERNARDO, Gustavo. “Conselhos do conselheiro”. In: *Revista Eletrônica Polêmica*. Rio de Janeiro, nº 10, 2003. p.1-10. Disponível em: <[www.polemica.br](http://www.polemica.br)>. Acesso em: 20/01/2008.

BLANCHOT, Maurice. *El espacio literário*. Barcelona: Paidós, 1992.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 3ª edição. São Paulo: Cultrix, 1987.

GLEDSON, John. “A narrativa”. In: GLEDSON, John. *Machado de Assis: impostura e realismo*. Tradução: Fernando Py. São Paulo: Cia. Das Letras, 2005.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Esaú e Jacó*. São Paulo: Martin Claret, 2001.

\_\_\_\_\_. *Memorial de Aires*. São Paulo: Martin Claret, 2003.

---

<sup>1</sup> Dessa citação em diante, só indicaremos o número da página a que fizermos referência, já que utilizamos a edição MACHADO DE ASSIS, J. Maria. *Memorial de Aires*. São Paulo: Martin Claret, 2003.

<sup>2</sup> Cf. GLEDSON, John. “A narrative”. In: GLEDSON, John. *Machado de Assis – impostura e realismo*. São Paulo: Cia das Letras, 2005. p. 19-30.